Quase esqueci que eu era eu

Assim, segui meu caminho solitário, como “To a Waterfowl” de Bryant[1], apenas com um objetivo não tão bem definido diante de mim – até que, finalmente, o tempo de iniciar um dia deum sábado memorável em junho ocorreu.

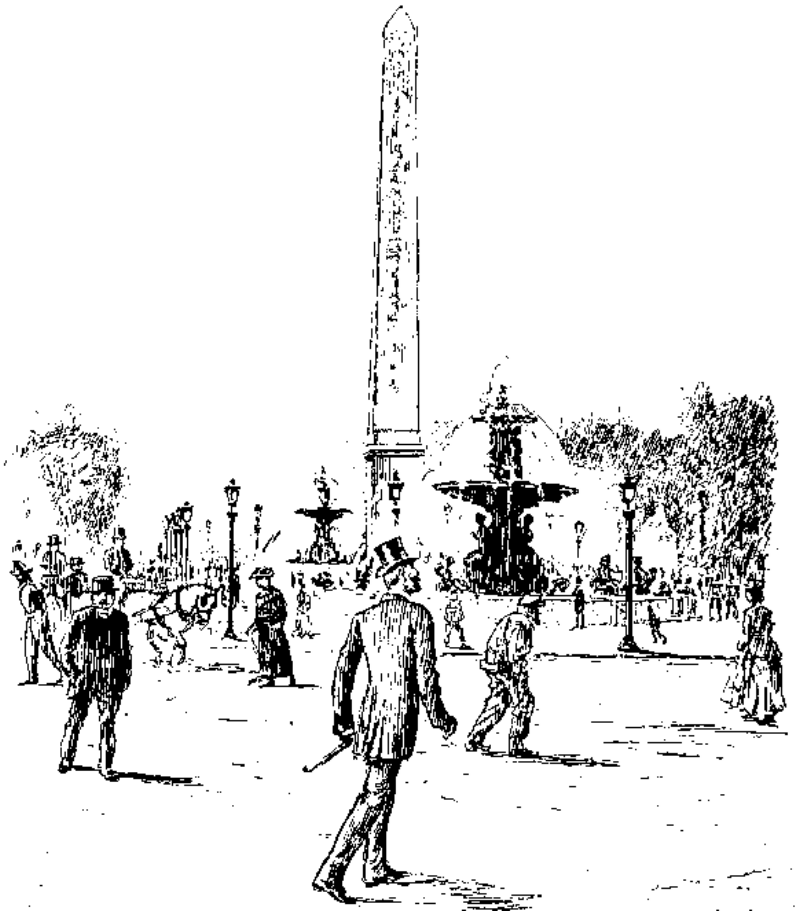
Eu tinha economizado dinheiro suficiente para fazer minha longa e tão esperada viagem a Paris. O navio a vapor do Sena zarpou, e o toldo branco do Sena foi colocado para mim e para os outros; e em uma bela manhã inglesa sem nuvens e eu estava ao lado do piloto e vi St. Paul e a Ponte e a Torre de Londres desaparecerem da minha vista; com que esperança e alegria não posso descrever. Eu quase esqueci que eu era eu!

E na manhã seguinte (uma bela manhã Francesa) como eu exultava em subir a Champs Elysées e passar pelo familiar Arc de Triomphe a caminho da Rue de la Pompe, Passy, e ouvir em toda língua familiar que eu ainda conhecia tão bem, e recordei a fragrância que há muito tempo estava esquecida, porém, intensamente lembrada agora, do *genius loci*[2]; aquele perfume vago, leve, indescritível, quase imperceptível de um lugar, que é tão celestial carregando o passado daqueles que viveram há muito tempo – o éter mais sutilmente intoxicante que se pode ser!

---

[1] N.T.: “To a Waterfowl” é um poema do poeta americano William Cullen Bryant, publicado pela primeira vez em 1818.

[2] N.T.: Genius loci é um termo latino que se refere ao “espírito do lugar”, e é objeto de culto na religião romana. Segundo Sérvio, em Vergilii Aeneidos Commentarius, 5, 95, “nullus locus sine Genio”. A associação entre espírito e lugar originou-se talvez da assimilação do Gênio aos Lares, a partir da era de Augusto.



Para os Campos Elíseos mais uma vez

Quando cheguei à junção da *Rue de la Tour* com a *Rue de la Pompe*, e, olhando para a mercearia da esquina, reconheci a bela mercearia bigoduda Madame Liard (cujo bigode, doze anos atrás, havia ficado cinza), eu quase desmaiei de emoção. Será que existiu algum jovem que tenha ficado tão comovido com esse rosto antes?

Atrás da janela (que agora era de vidro laminado) e entre os esplêndidos artigos napoleônicos de um dia posterior, havia lá as mesmas velhas bolas de borracha da Índia em redes coloridas; os mesmos nacos de uma mistura em papel pardo, que pareciam frios e tentadores; as mesmas três caixas de aquarela (agora marcadas setenta e cinco centavos), das quais eu já havia utilizado tantas vezes a serviço de Mimsey Seraskier! Entrei e comprei um,

e refiz com alegria todas as minhas transações de negócios anteriores e até senti aquele cheiro familiar - “Obrigado, senhor! Precisa de algo mais?”, como se tivesse sido uma benção; mas eu era tímido demais para me jogar em seus braços e dizer a ela que eu era o “solitário, errante, mas não perdido” Gogo Pasquier. Ela poderia ter dito:

“Bem, o que vem depois?”

O dia começou bem.

Como uma epicurista[3], decidi se deveria caminhar até o antigo portão da Rua de la Pompe, subir a avenida e voltar ao nosso antigo jardim, ou fazer o meu caminho ao redor do parque, quando usávamos antes uma abertura de entrada e saída para passagem frequente de dentro e fora para o Bois de Boulogne.

De maneira geral, escolhi o último, por ser o mais promissor em requintadas gradações de prazer.

É verdade, a abertura ao redor do parque! A cerca viva do parque havia desaparecido, o próprio parque havia desaparecido, cortado, demolido, todo divididos em pequenos jardins, com moradias brancas, exceto onde passava a estrada de ferro através de um corte profundo no calcário. Um trem realmente rugiu e ofegou, e me sufocou com seu vapor imundo enquanto olhava em volta, estupefato, para as ruínas da minha esperança tanto tempo acalentada.

[3] N.T.: O epicurismo é o sistema filosófico que prega a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, com a ausência de sofrimento corporal pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos.

Se aquele trem tivesse me atropelado e eu tivesse sobrevivido a isto, não poderia ter tido um choque maior; tudo parecia uma ofensa cruel e brutal.

Uma estrada sinuosa de transporte foi construída através do próprio coração do deserto; e nela, apoiaram pequenos jardins bem delineados que se confinavam, e neles eu reconhecia, aqui e ali, um velho amigo em torno de uma árvore; me recordo bem, onde eu sempre subia quando menino e que tinha até sido preservada, mas estava tão mudada devido ao desgaste pelo tempo que sua aparência era mansa, enclausurada e transplantada – quase se desculpando e como se tivesse vergonha de finalmente ser descoberta!

Nada mais restou. Pequenas colinas, penhascos, vales e poços de calcários, que antes pareciam grandes, agora haviam sido nivelados ou colocados de lado, e eu me perdi completamente, sentindo um frio estranho e rastejante de vazio e luto.

Sim, e a avenida e minha antiga casa? Ansioso, voltei rapidamente à Rue de la Pompe com passos rápidos. A avenida havia sumido – bloqueada a poucos metros do portão de um imenso prédio de tijolos coberto de treliça recém-pintada! Minha antiga casa não existia mais, porém, no lugar foi construído um edifício bem maior e mais refinado de pedra esculpida. O portão antigo, ao menos, não havia desaparecido, nem o alojamento do porteiro; e fitei meus olhos tristes sobre esses pobres restos mortais, que pareciam desprezados, surrados e fora de lugar no meio de todo esse novo esplendor.

* * * * *